

Modelo definirá progresso ou caos

JAIRO VIANA

Brasília poderá ter um comércio próspero e bem estruturado, no ano 2000. Ou viver o caos, com as atividades comerciais totalmente desarticuladas e sem gerar impostos aos cofres públicos, fruto de um comércio informal gigantesco. A previsão é do presidente da Associação Comercial do DF, Nuri Andraus Gassani, para quem, "tudo vai depender do modelo que for adotado pelo governo, no desenvolvimento dessas atividades na cidade.

"O resultado vai depender de uma decisão política sobre o modelo a ser adotado: se o comércio em Brasília se desenvolver com base no modelo utilizado no Sul do País, onde as empresas legalmente constituídas atendem aos consumidores, ele será forte e bem articulado. Caso contrário, se for usado o modelo nordestino, onde é permitida a venda de produtos industrializados nas feiras, e se não for oferecido um bom estoque de terrenos para a instalação de unidades comerciais, com a proliferação dos ambulantes, aí será o caos", garante Nuri.

O presidente da ACDF identifica dois equívocos básicos na estruturação do comércio em Brasília: a) permitir a venda de produtos industrializados nas feiras — a exemplo da feira do Guará e de Ceilândia —, que só existe no Nordeste; b) falta de oferta de espaços comerciais em tempo hábil, pela Terracap, que dificulta a instalação dos estabelecimentos.

Prova

Para Nuri Andraus, o exemplo dos modelos adotados pode ser observado aqui mesmo em Brasília. "O Plano Piloto já está com seus espaços comerciais montados. Aqui, onde se concentra a renda per capita mais alta de Brasília e, talvez do Brasil, tanto o comércio das entrequadras como dos shoppingcenters, legalmente estabelecido, é próspero e contribui na arrecadação de impostos", explica Nuri Andraus.

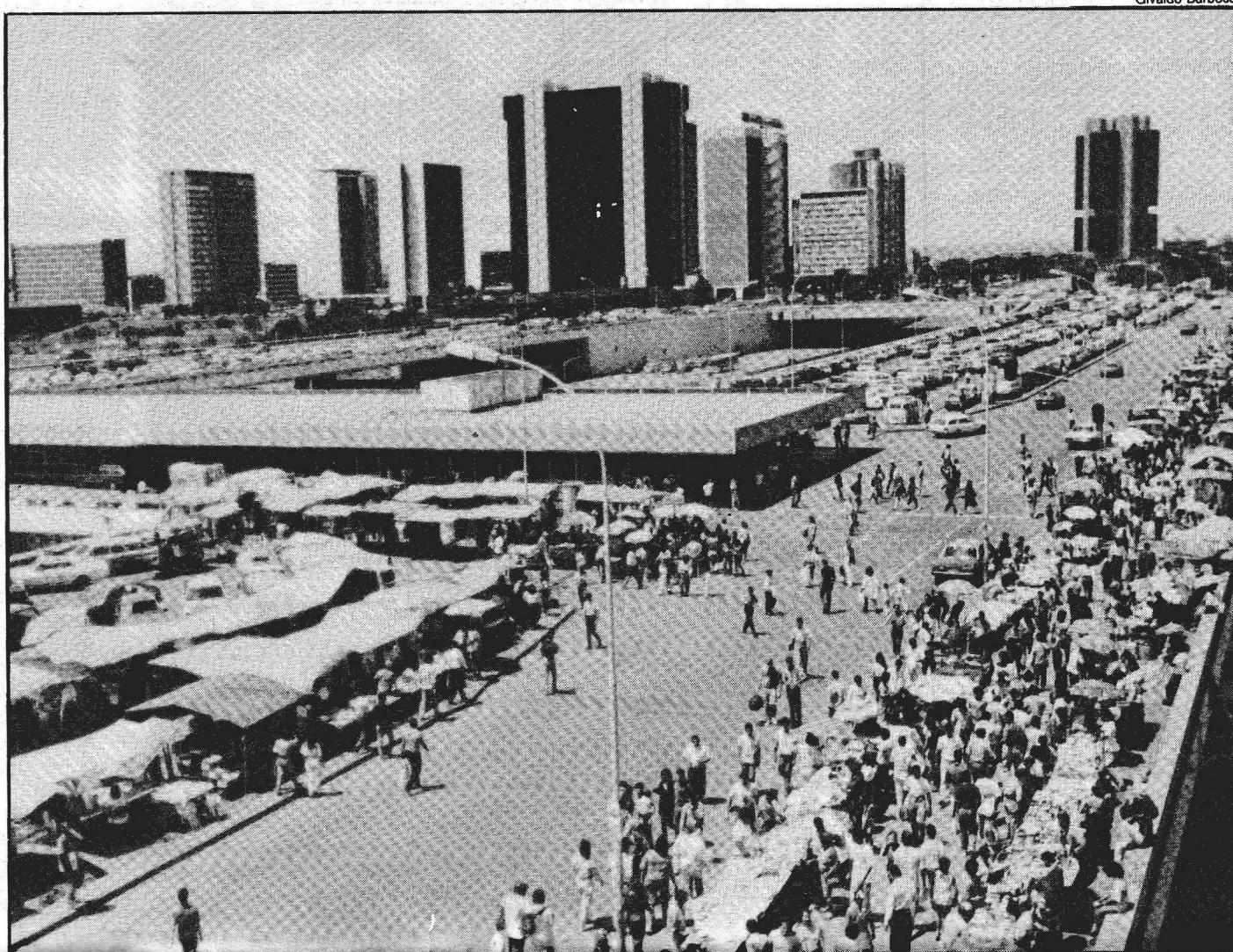
"Ao contrário, nas cidades-satélites do Guará (2ª renda per capita de Brasília) e de Ceilândia, onde o comércio informal se agigantou, através das feiras de produtos industrializados, o comércio local praticamente não existe, pois foi inviabilizado por estas atividades paralelas, que pouco ou nada contribuem no recolhimento de tributos", acrescenta o presidente da ACDF.

"Em Taguatinga e no Núcleo Bandeirante, onde não existem feiras, as atividades comerciais são fortes, com empresas bem estruturadas e prósperas", avalia Nuri.

Invasão

Para ele, "a assustadora invasão da plataforma superior da Rodoviária pelos camelôs é a prova de que, em breve, será reivindicada a construção de uma feira também no Plano Piloto. Com isso, os comerciantes estabelecidos terão que conviver com os ambulantes, que não dão garantia dos produtos vendidos aos consumidores e nem recolhem impostos".

"Não sou contra aquele pai de família desempregado ou subempregado, que na hora do aperto, pega um caixote e vai vender mexicana no Setor Comercial Sul, para conseguir uns trocados. No entanto, não posso concordar com a proliferação dos ambulantes estabelecidos, a exemplo da feira de importados da porta do banco Itaú, que concorrem com os comerciantes legalmente estabelecidos, que pagam aluguel, ponto comercial, salários e obriga-



Retirada dos camelôs da plataforma superior da Rodoviária (foto) aliviou o centro da cidade

gações trabalhistas, além de impostos", afirma Nuri Andraus.

A seu ver, o aumento da atividade informal na cidade pode resultar na inviabilização do comércio ilegal, com prejuízos para os consumidores, comerciantes e a comunidade como um todo.

Modelo

Na opinião de Nuri Andraus, as

cidades-satélites de Brasília que fizeram a opção pelo modelo de comércio sulista, como o Plano Piloto, Taguatinga e Núcleo Bandeirante, hoje são as que possuem um comércio próspero e forte. Já as satélites que optaram pelo modelo nordestino, a exemplo do Guará e Ceilândia, estão com mais de duas décadas de atraso em relação às primeiras.

Segundo o presidente da ACDF, com a opção pelo modelo sulista ganha, não só o consumidor, que recebe a nota fiscal e a garantia pelo produto adquirido, como toda a comunidade, porque são recolhidos os impostos, que serão revertidos em benefícios para a sociedade, com a oferta de infra-estrutura urbana, escolas, hospitais e segurança. "Torna mais fácil, ainda, a aplicação do Código de Defesa do Consumidor, uma vez que estes estabelecimentos são fiscalizados pelos órgãos públicos", analisa Nuri Andraus.

De acordo com o presidente da ACDF, o mesmo não ocorre no Guará e em Ceilândia, onde o comércio estabelecido é fraco e o informal é próspero. "Ali, nem o consumidor tem garantia do produto que compra, nem é recolhido imposto aos cofres públicos. Perdendo, com isso, toda a comunidade", afirma. Para Nuri Andraus, o único comércio existente na duas satélites é o atacadista de gêneros alimentícios e de material de construção. O comércio varejista não existe", garante.

Tributos

Apesar do pessimismo do dirigente empresarial, a previsão do secretário da Fazenda, Dario Silva Reis, é de crescimento do Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS), neste ano. Dos Cr\$ 23 bilhões arrecadados no ano passado, estima-se o recolhimento de Cr\$ 179 bilhões de ICMS em 1991. Segundo Dario Reis, a arrecadação de ICMS representa 80% dos tributos recolhidos pelo Governo do Distrito Federal.

Industrialização será fundamental

A prosperidade do comércio em Brasília está ligada a dois fatores fundamentais: horário de funcionamento e industrialização. Está é a opinião do administrador do ParkShopping e ex-presidente do Clube de Diretores Lojistas (CDL) Joel Campanatti. Ele explica que, 99% dos produtos industrializados vendidos na cidade são produzidos em outros estados. "Este quadro precisa ser revertido, com a industrialização do Distrito Federal", defende Campanatti.

O dirigente empresarial acha que, com a aprovação da semana inglesa — funcionamento do comércio de segunda a sexta-feira das 8h00 às 22h00 e de 8h00 às 12h00, aos sábados —, e o fechamento aos domingos, apesar de

haver dois decretos, um da Presidência da República e outro do governo local, permitindo a abertura nestes dias, só contribuem para o fortalecimento do comércio ilegal, praticado pelos ambulantes. "Se continuar assim, vamos chegar ao ano 2.000 com as atividades comerciais esfrangalhadas em Brasília", prevê Joel Campanatti. Ao seu ver, o comércio varejista e dos shopping centers precisam ser fortalecidos, com a oferta de maior sortimento e qualidade das mercadorias.

Reabilitação

Tanto Campanatti quanto o presidente da ACDF, Nuri Andraus, concordam que o fortalecimento do comércio em Brasília passa pela reabilitação da Avenida W-3 Sul, que já foi o melhor ponto comercial da cidade. Nuri acha que após seu esvaziamento, na década de 70, a W-3 passa hoje por um processo de crescimento, com a diversificação dos estabelecimentos ali instalados. (J.V.)